

K E N E

A ARTE DOS HUNI KUÏ

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	____/____/____
cod	KXD00065

sala do artista popular 1999
S. A. P. MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR
FUNARTE/MINISTÉRIO DA CULTURA

Ministro da Cultura
Francisco Weffort

Fundação Nacional de Artes
Presidente
Márcio Souza

Museu de Folclore Edison Carneiro/CNFCP
Coordenadora
Claudia Marcia Ferreira

Responsável pela Sala do Artista Popular
Ricardo Gomes Lima

Pesquisa
Agostinho Muru e Dedê Maia

Textos
Dedê Maia (organização)
professores indígenas
José Mateus Itsairu
Edson Medeiros Ixã
Josimar Samuel Tui

Depoimentos
Agostinho Mateus Muru
Mestra Clemiuda Sales Pâteani
Mestra Aldenira Ibatsai
Mestra Vitorinha Sales Dani
Mestra Erondina Sales Bimi
Mestra Luzia Alfredo Parã

Ilustrações
José Mateus Itsairu
Isaias Sales Ibã
Carmina Alfredo Mäkuani


Fotos
Cristiane Cotrim

Produção e projeto de montagem
Luiz Carlos Ferreira

Edição e revisão de textos
Maria Helena Torres e
Lucila Silva Telles

Projeto gráfico, diagramação
e editoração eletrônica
M. Alzira Reis

Digitalização de imagens
Bernardo Gebara

apoio:
Fundação de Cultura
e Comunicação Elias Mansur
Departamento de Patrimônio e Memória
Acre – Governo da Floresta
Associação Cultural de Amigos
do Museu de Folclore Edison Carneiro
Studio Oficina
Projeto Cerâmica Viva – Deart/Uerj
Museu do Índio/Funai
Fundação dos Albergues do Brasil 
Pontifícia Universidade Católica/PUC-RJ

Capa:

Kene txere beru,
de Maria Laiza
Sales Pâteani

Foto ao lado:

parte da

numerosa família
de mestra

Vitorinha Sales

Dani. Seringal

Três Fazendas,

Rio Jordão

K33 KENE : a arte dos Huni Kuji / organização de
Dedê Maia. – Rio de Janeiro : CNFCP, 1999.
32 p. : il. (Sala do Artista Popular; 78).
ISSN 1414-3755

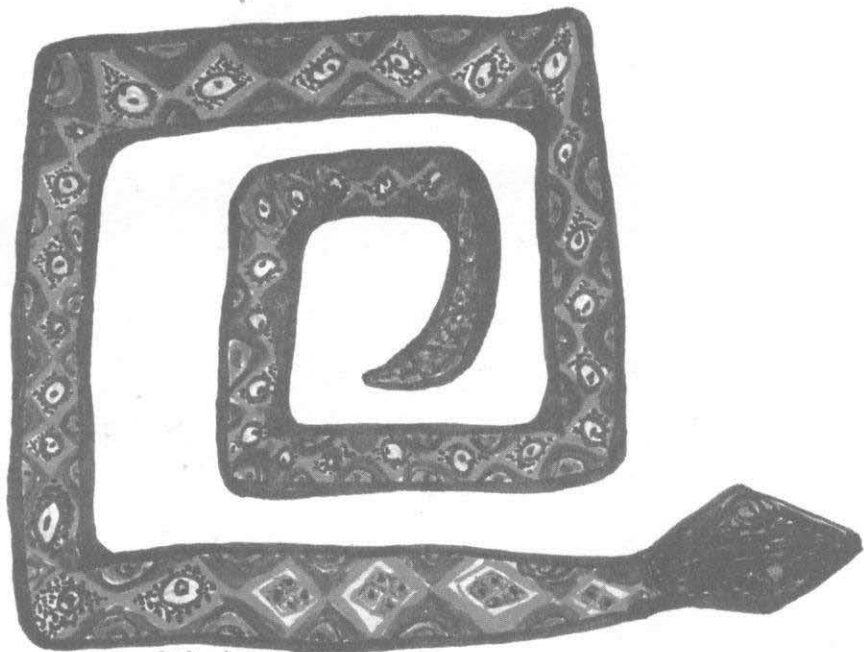
Catálogo da exposição realizada no período de 20 de maio a 27 de junho de 1999.

1. Índios Kaxinawá – Arte. 2. Índios Kaxinawá – Cultura. 3. Índios Kaxinawá – Religião e mitologia. I. Maia, Dedê, org. II. Série.

CDU – 7.031.3 (81)



Yuba



Carmina Makuan

SALA DO ARTISTA POPULAR

A Sala do Artista Popular, do Museu de Folclore Edison Carneiro/CNFCP, da Funarte, criada em maio de 1983, tem por objetivo proporcionar um espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto do artesão com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, par-

ticipando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O Museu de Folclore, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

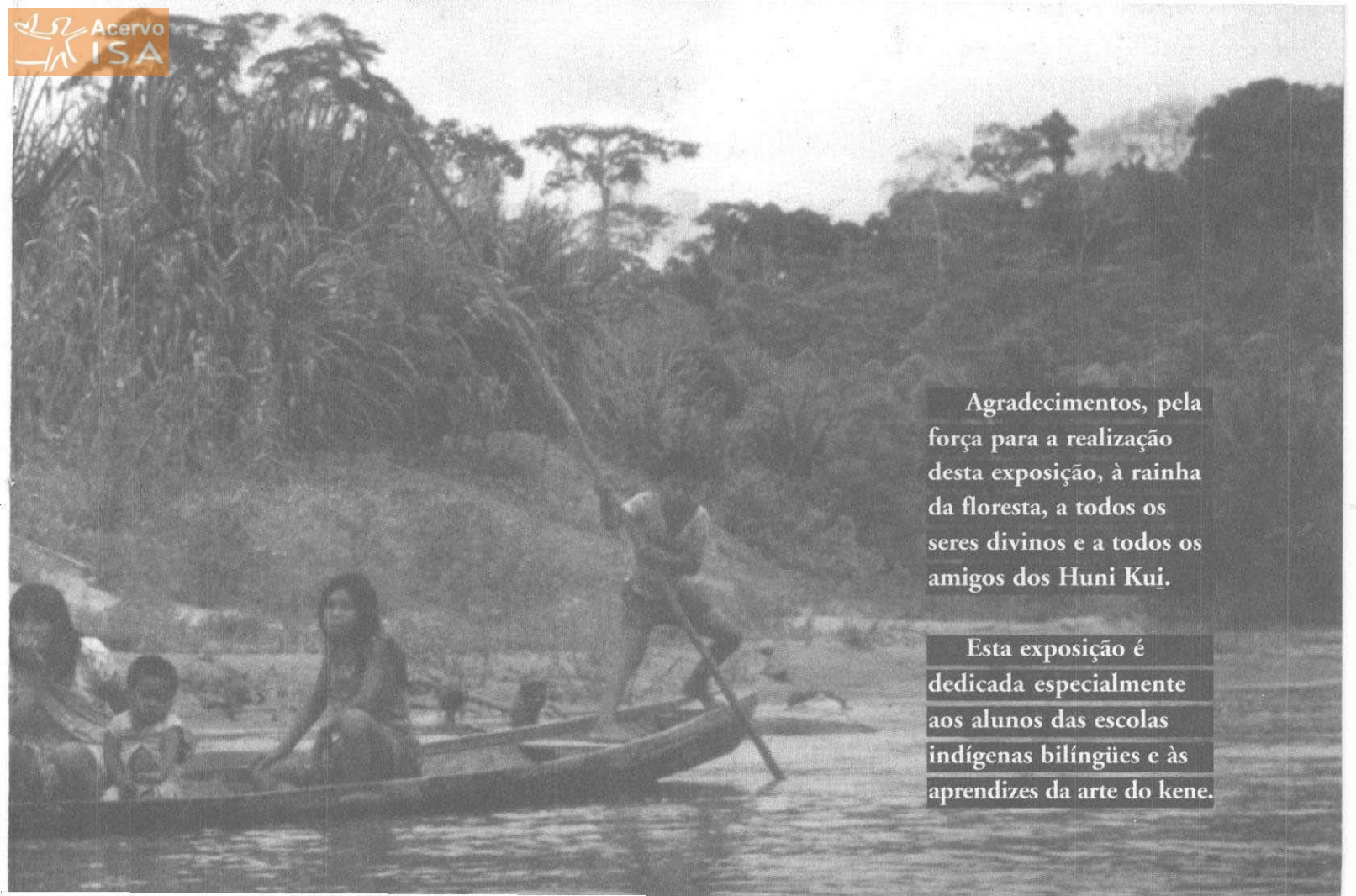
A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o Museu de Folclore busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias à sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Rio Jordão.
No detalhe,
Seringal Novo
Segredo





Agradecimentos, pela
força para a realização
desta exposição, à rainha
da floresta, a todos os
seres divinos e a todos os
amigos dos Huni Kui.

Esta exposição é
dedicada especialmente
aos alunos das escolas
indígenas bilíngües e às
aprendizes da arte do kene.

O kene é nosso... é a
nossa cultura...
O algodão está plantado
no nosso terreiro...
a ciência do trabalho é
propriamente nossa...
e ainda temos as nossas
próprias tintas, que
podemos pesquisar e
usar. Eu vejo assim: os
produtos todos de que
as mulheres precisam
para trabalhar estão
dentro da floresta; nada
precisa vir de fora. Eu
vejo isso como um
trabalho fino de futuro
para o meu povo.

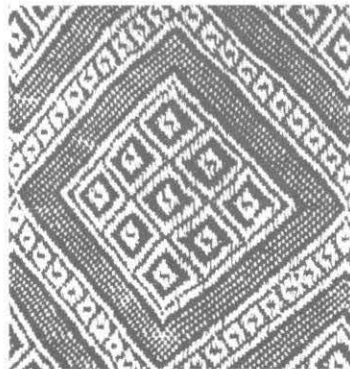
Isaias Sales Ibã

Kene *mae musha*,
de Maria Laiza
Pâteani.
Seringal Jacobina,
Rio Breu

K E N E
A ARTE DOS HUNI KUÏ



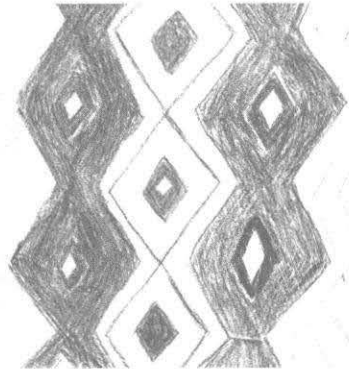
Txere beru, de
Aldenira Pinheiro
Huni Kuj. Seringal
Chico Curumim,
Rio Jordão



Inutae txere beru,
de Maria de Lurdes
Ayani. Seringal
Belo Monte



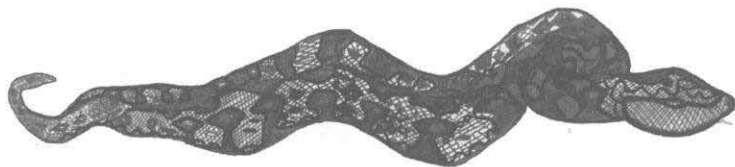
Sepe marasua, de
Rufina Pinheiro Maxi.
Seringal
Chico Curumim,
Rio Jordão

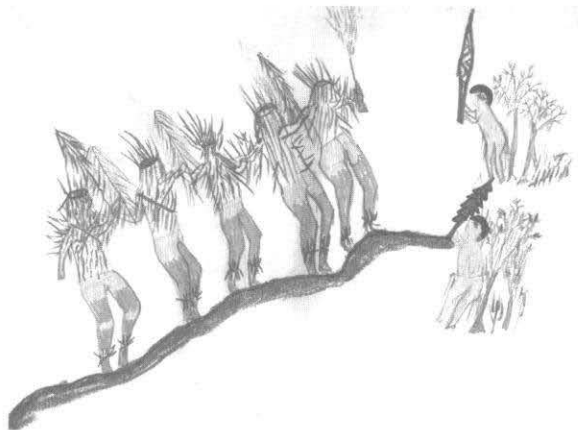


Dunu kate, desenho
de Maria do Socorro
de Lima Bismani.
Seringal Universo,
Rio Tarauacá

*Nota: todos os
padrões de kene
foram identificados
pela jovem mestra
Maria do Socorro
de Lima Bismani.*

Desenho de
Isaias Sales Ibã





Festa do Katxanawa.
Desenho de
José Mateus Itsairu

*Nota do editor: as vogais sublinhadas (e e i) nos nomes indígenas devem ser lidas como se nelas houvesse um **til**, grafia não prevista nos programas de computador aqui utilizados.*

Contrafortes andinos, cabeceiras de rios, acreanas florestas, fim e começo do mundo.

Fundadores saberes recebidos dos encantados. Na mata tudo tem dono. Tempos em que os bichos falavam. Nascimento de gente verdadeira. Costumes, ciências e mistérios a zelar, braseiros que nunca hão de apagar.

Em terras de Huni Kuj, de longe chegaram profundas transformações. Correrias. Doenças. Caboclo cativo. A rainha da floresta e seus mensageiros. Lutas e mobilizações. Terra liberta. Tempo dos direitos. Nossa língua. Nosso governo. *Katxanawa*.

Meninada chegando. Velhas árvores a se enramar e frutificar.

Marejar da história. Imemoriais tradições. Um século de tradição. Duas décadas reelaborando tradições. Desafios presentes, caminhos se abrindo, compassado futuro.

Repassando o bastão às vindouras gerações. Virada de século. Entrada de milênio.

Particularidade universal. Precioso legado ao planetário mosaico humano.

Marcelo Manuel Piedrafita Iglesias

Nosso YUMAKI
Dedê Maia

Seringal
Nova Empresa,
Rio Jordão

Aula do professor
Anastacio Bane,
Escola Belo Monte,
Rio Jordão

Como parte de uma extensa, porém prazerosa, tarefa, apresento a arte do kene dos Huni Kuĩ, uma nação indígena que habita terras amazônicas no Estado do Acre.

Este catálogo reúne alguns registros importantes de diversos momentos do tempo da “terra liberta” quando, já na atualidade, parte dos territórios desse povo foi reconquistada e os seringais passaram a ser administrados pelos próprios índios, sem a presença e o jugo dos patrões brancos. São fragmentos de boas conversas lembrando o tempo passado, reelaborando-o nesse tempo presente. São relatos, imagens... a história contada pela voz de alguns Kaxinawá, designação dada pelos brancos ao povo Huni Kuĩ e pela qual eles são mais conhecidos. São registros realizados durante minhas andanças entre esse povo como assessora do Programa de Educação da Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-AC), de 1979 até 1997, nas áreas indígenas Huni Kuĩ dos rios Humaitá, Jordão, Breu e Purus.



A intenção de organizar esses registros e publicá-los é possibilitar o retorno dessas informações, levantadas entre as famílias Huni Kuĩ dos rios Jordão e Breu, a todas as famílias Huni Kuĩ de outras áreas e de outros rios, aos alunos das escolas indígenas (letradas), e sobretudo às alunas do kene. Um segundo objetivo é dirigido ao público apreciador de arte de maneira geral, localizado em centros urbanos como o Rio de Janeiro, especialmente ao público estudantil, para que, além de apreciar uma arte tradicional indígena e poder fruí-la, possa também conhecer e compreender o contexto sociocultural em que ela se realiza.

A intenção como um todo é encurtar as distâncias, tanto entre as famílias Huni Kuĩ que pela pressão do contato com a sociedade nacional dispersaram-se por vários seringais acreanos, com perdas significativas para a memória coletiva do grupo, quanto entre a sociedade brasileira em geral e as culturas tradicionais indígenas, porque a aproximação entre

esses mundos, quando se dá, na maioria das vezes se faz via retratos estereotipados do exótico, “cartões postais” descolados da realidade desses povos tradicionais e da riqueza cultural de que são portadores. Em outros casos, são os profissionais que arquivam e circulam valiosas informações somente entre grupos fechados de estudos. Os documentos então produzidos geralmente se apresentam em linguagem técnico-científica pouco acessível à compreensão do leitor comum.

Neste catálogo, pontuo e organizo o que o pesquisador Huni Kuĩ Agostinho Muru, professores indígenas bilíngües e mestras do kene do rio Breu e do rio Jordão transmitem sob a forma de um *yuimaki* que, em *hãtxa kuĩ*, língua falada pelos Huni Kuĩ, quer dizer “enviar recado para longe”: a memória da arte do kene e sua atualização nos tempos atuais, seus significados, sua origem, seus autores, seus modos de fazer, a variedade dos padrões, os rituais de iniciação a essa elaborada arte, as tinturas nativas, os usos tradicionais, a inserção do kene nas escolas indígenas (letradas) e a comercialização de objetos tornados ímpares pela marca indelével do kene.



ALGUNS ANTECEDENTES DA HISTÓRIA DOS HUNI KUI

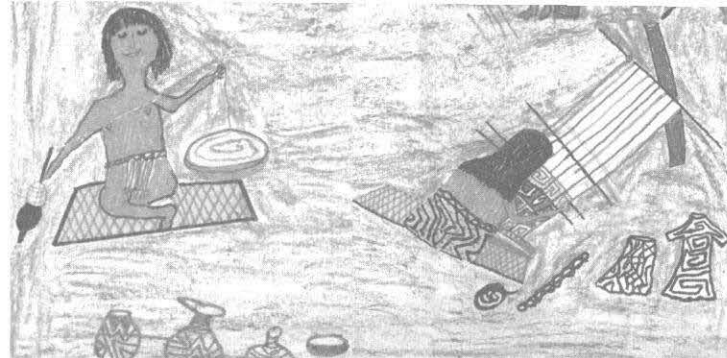
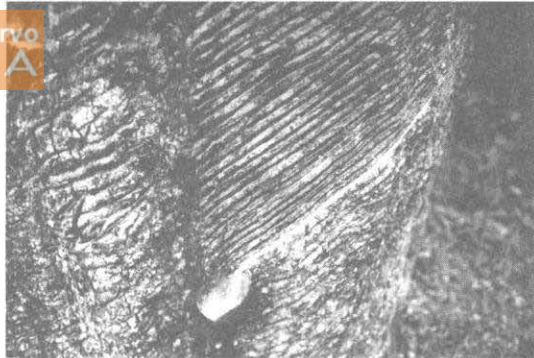
Na floresta da Amazônia Ocidental, no Estado do Acre, entre várias outras nações que existem nessa região, habita um povo conhecido como índios Kaxinawá.

Este nome lhes foi dado pelos brancos quando invadiram suas terras. Na realidade, Huni Kuĩ é a primeira denominação dessa nação e significa “gente verdadeira” no idioma *hãtxa kuĩ*, da família linguística *pano*, que quer dizer “língua verdadeira”.

Os Huni Kuĩ constituem hoje a população mais numerosa do Estado do Acre. Segundo recenseamento realizado por professores e agentes de saúde indígenas (CPI-AC/96), são aproximadamente 4.000 pessoas distribuídas em nove áreas indígenas, ao longo de vários rios que cortam os vales do Purus e do Juruá.

Os primeiros contatos dos Huni Kuĩ com a sociedade nacional, assim como de todas as nações indígenas do Acre, se deram com as frentes extrativistas que se expandiram pelo território acreano nas últimas duas décadas do século passado, em busca da borracha e do caucho, espécie de látex que é extraído de uma árvore conhecida pelo mesmo nome pelos povos da floresta.

Desde os primeiros tempos, esses contatos foram marcados por muita violência. Os “patrões”, isto é, aqueles que se apropriaram das terras indígenas, transformando-as em seringais – grandes áreas com



Extração da
borracha

Fiação e
tecelagem.

Desenho de
José Mateus
Itsairu

seringueiras nativas de onde se extrai o látex conhecido como seringa –, ou seus representantes, e os “caucheiros” peruanos empregados na extração do caucho organizaram as chamadas “correrias”, que resultaram no extermínio de muitas nações, em perda significativa de grande parte dos territórios tradicionais e da memória cultural indígena.

Nessas “correrias”, grupos armados invadiam de surpresa as aldeias indígenas, matando ou escravizando pessoas para emprego em trabalhos braçais como a abertura de novas “estradas de seringa” e o transporte da produção de borracha do interior da mata para as margens dos rios. Até os dias de hoje podem ser encontrados muitos nativos tatuados com as iniciais de alguns desses patrões.

Já no início deste século, incorporados à empresa seringalista, sempre na condição de subordinados, os indígenas foram obrigados a abandonar

grande parte de suas atividades tradicionais, passando a desenvolver atividades de interesse exclusivo dos “patrões”. Essa situação perdurou e, em certo sentido, se agravou até meados da década de 1970, quando a Fundação Nacional do Índio (Funai), instituição governamental, passou a intervir, identificando e delimitando as primeiras terras indígenas no estado.

Hoje, apoiados por várias organizações indígenas não-governamentais como a Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-AC), União das Nações Indígenas (UNI) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), entre outras, a nação Huni Kuĩ e outros povos indígenas do Acre que sobreviveram a esse processo vêm reconquistando parte de seu primitivo território e se mobilizando para a efetiva e produtiva ocupação de suas terras. Nesse contexto, voltam-se também para a árdua tarefa de reconquista de seus valores etnoculturais, de sua memória ancestral, de sua história.

O QUE É O KENE

Para os Huni Kuĩ, tradicionalmente, kene significa desenho. Do ponto de vista plástico, é o resultado de múltiplos traços inspirados nos desenhos do corpo da cobra jibóia.

Conta um dos mitos Huni Kuĩ que os kene vieram da jibóia encantada Yube, que um dia fora um deles e se transformara na grande cobra por ocasião de um dilúvio.

“Yube é a identidade, a força e a proteção dos Huni Kuĩ. Yube é o dono [do kene] e foi ele quem deu [o kene] para os Huni Kuĩ. Eu descobri isso tomando cipó.” Assim, a partir do conhecimento advindo do consumo ritualizado da bebida feita com o cipó *nixi pae* que permite aos Huni Kuĩ entrar em contato com a cobra jibóia, que lhes repassa muitos ensinamentos, o pesquisador Huni Kuĩ do rio Jordão, Agostinho Muru, atesta a origem mítica do kene.

Como expressão gráfica dos Huni Kuĩ, e essa expressão é exclusiva das mulheres, Agostinho Muru registrou 25 kene que operam como padrões básicos, os quais ele explica, estabelecendo comparações:

“Esses vinte e cinco kene representam o corpo da jibóia que quando adulta mede vinte e cinco



palmos e carrega em cada palmo um kene.

Cada um desses kene é como um chefe de uma família Kaxinawá numerosa.

Como as pessoas, esses kene vão se casando com outros kene e vão formando outros e outros...

Nesses desenhos, também estão representados muitos outros elementos da natureza: bichos e plantas. Eu comparo esses kene com as letras do abecê dos brancos, que servem para formar as palavras. As mulheres vão combinando esses desenhos com outros e formam outros kene diferentes, e cada kene tem um nome.”

Agostinho Muru traduz ainda o kene como um “espírito visível” dos trabalhos das mulheres e considera “espírito invisível” todos os outros elementos com os quais as mestras se relacionam e utilizam para trabalhar o kene.

“Nós acreditamos que tudo que tem na natureza tem ‘espírito’.

Na nossa língua chamamos de *yuxim*.

Quando uma mulher trabalha com kene, ela trabalha com vários *yuxim* da natureza: da água, do fogo, da folha para tingir o algodão, da

palha para tecer. O *kene* é o espírito visível de todas as forças da natureza reunidas. E nós podemos conversar e trabalhar com outros *yuxim* porque nós também temos *yuxim*. Ele está no olho. Por isso podemos ver.”

A concepção dessa espiritualidade apresentada por Agostinho não está no plano do sobrenatural. Ela não se encontra fora do nosso mundo. *Yuxim*, espírito ou essência das coisas, está portanto nas plantas, na água, no fogo, nos animais... enfim, em todos os seres vivos e fenômenos da natureza.

Atento à dinâmica de transformação que opera em toda sociedade humana, e que se encontra presente também entre os Huni Kuĩ, o professor Josimar Samuel Tuij, da aldeia de Japinim, no rio Breu, correlaciona o *kene* com a escrita, recentemente introduzida na cultura dos Huni Kuĩ:

“O *kene* são muitas coisas juntas. Reconhecemos o *kene* em várias coisas também. Nos dias de hoje o *kene* também é reconhecido nos textos que escrevemos nas escolas, nos livros didáticos e jornais que usamos para o nosso estudo.”

Portanto, o *kene* é, além de desenho, escrita. Em outras palavras, pode-se dizer que o *kene*, modernamente, também está redesenhado nos livros didáticos das escolas indígenas.

A ORIGEM DO KENE

“A história que vou contar aconteceu há muitos séculos. Foi no tempo do *shubuã*. *Shubuã* é como os Huni Kuĩ chamam a casa onde moravam antigamente, antes da invasão dos brancos em suas terras.

Contam os antigos que nesse tempo do *shubuã* existiam muitas coisas diferentes: as armas, as ferramentas de trabalho, era tudo diferente. Muitas coisas mesmo.

Era o tempo também em que as pessoas falavam com os bichos, com as plantas, com todos os seres 'encantados' da terra e da água. Foi com esses seres 'encantados' que os Huni Kuĩ recuperaram muitas coisas do passado, perdidas durante um grande dilúvio. Outras, não conseguiram mais reaver.

Essa história do dilúvio lembra-me uma outra história, mais recente, vivida pelos Huni Kuĩ.

Lembro-me da história das 'correrias'... meus parentes correndo pela mata... tentando salvar a própria vida.

A chegada dos brancos nas nossas terras foi igual a um dilúvio. Matou muitas pessoas e transformou muitas coisas que existiam em nossa cultura. Só que o dilúvio do tempo passado foi a mãe da natureza quem acabou com todas as nações... Depois desse 'dilúvio', os Kaxinawá tentam reaver também a sua memória.”

Agostinho Muru

Revisitando
um dos mitos
que contam a
origem do kene.
Pela voz de
Agostinho Muru,
reescrito por
Dedê Maia

O MITO DA JIBÓIA

Uma mulher chamada Siriane saiu para apanhar água no igarapé. Já bem distante de sua casa encontrou, atravessando o caminho, uma enorme *tumuyã*. Quando Siriane viu *tumuyã*, ficou paralisada, admirando os desenhos do corpo da cobra. Não conseguia afastar o olho daqueles desenhos tão bonitos! Enquanto isso, a cobra foi chegando bem devagarinho, aproximando-se cada vez mais de Siriane. Quando estava bem próximo, a cobra transformou-se em um lindo rapaz e perguntou a Siriane:

– O que você acha de mim? O que lhe admira tanto?

Siriane respondeu que estava admirada com os kene do seu corpo, e queria ser uma mestra do kene para fazer aqueles desenhos em sua rede e nas roupas de seu marido.

O rapaz respondeu a Siriane que se ela estava interessada ele poderia ensiná-la. Mas, numa condição: Siriane tinha que ensinar todo o aprendizado para as outras mulheres, e, além disso, fazer tudo do jeito que ele lhe ensinasse.

Siriane concordou com tudo o que a cobra lhe disse. Mas o rapaz ainda lhe fez outra advertência: para aprender, Siriane não podia ter medo. O rapaz tinha que se transformar de novo em cobra.

Depois da transformação, a cobra foi se enrolando no corpo de Siriane até chegar bem pertinho

da cabeça dela. A cobra falava tão baixinho, que só Siriane podia ouvir.

O primeiro desenho ensinado a Siriane foi o *txere beru*. Este é o primeiro kene que se aprende para poder aprender outros kene.

Ficaram ali juntos algum tempo. Siriane voltou para casa impressionada com o acontecido, e foi direto para o seu tear estudar o *txere beru*. As outras mulheres ficaram muito admiradas e perguntaram a Siriane onde ela tinha aprendido aquele desenho tão lindo! Siriane falou que estava tirando o desenho de sua própria cabeça.

As mulheres também ficaram muito interessadas em aprender, e Siriane começou a ensinar às outras mulheres que se interessavam. Duas vezes na semana ela ensinava para as mulheres da aldeia, os outros dias ela ia para a mata encontrar com a cobra jibóia para aprender mais desenhos.

As pessoas começaram a ficar curiosas:

– O que será que Siriane faz tanto na mata?

Siriane não dizia nada para ninguém.

O marido de Siriane também começou a ficar cismado. Ela não ligava mais para os trabalhos da casa... Só pensava em trabalhar com o seu tear.

Então, cada dia, cada semana, ela foi aprendendo mais outros tipos de kene.



Desenho de José
Mateus Itsairu

Um dia, *tumuyã* revelou a Siriane que era o “encantado” do kene. Que seu nome era Yube. E relembrou a Siriane o dilúvio que havia acontecido há muitos anos passados, em que muitos Huni Kuĩ foram transformados em vários seres da floresta. Ele, Yube, quando foi tocado pelas águas do dilúvio, estava dormindo em uma rede com kene de *tumuyã*, por isso foi transformado em cobra, e guardou com ele toda a sabedoria do kene.

Essa notícia deixou Siriane muito feliz. Então pediu a Yube que voltasse a viver junto com seu povo. Mas Yube respondeu que não podia mais se transformar no que havia sido no passado. Por isso queria ensinar todos os kene para Siriane, para ela poder ensinar ao seu povo.

Além de ser um “encantado” do kene, Yube também sabia de tudo o que se passava na aldeia. Em um de seus encontros, avisou a Siriane sobre as desconfianças de seu marido. Ele estava ficando muito cismado com as viagens de Siriane para a mata. Avisou que os dois, ele e Siriane, estavam correndo perigo de vida. Se o marido os encontrasse juntos, seria capaz de matá-los.

Mas Yube não podia mais parar de ensinar, e nem Siriane podia parar de aprender. Então Yube falou que estava na hora de Siriane contar o seu se-

gredo para os seus parentes. Pediu que ela contasse para a sua melhor amiga da aldeia. Caso acontecesse alguma coisa a eles, o povo ficaria sabendo de onde tinham vindo os kene que Siriane apresentava.

Quando Siriane voltou para casa, fez o que Yube havia lhe pedido. Em poucos dias todos ficaram sabendo do segredo de Siriane.

O marido também ouviu as conversas do segredo de sua mulher e ficou com muito ciúme. Ele olhava para Siriane e ficava pensando:

– Será possível que minha mulher está me traindo com uma cobra?

Aquele pensamento era uma coisa horrível na cabeça do marido de Siriane. Ele também ficou muito envergonhado na frente dos seus parentes, pois todos comentavam os encontros de sua mulher com a jibóia.

Um dia, quando Siriane saiu para a mata, ele saiu atrás. Escondido atrás dos troncos das árvores, chegou até onde Siriane e Yube se encontravam. Quando viu os dois abraçados, sentiu uma dor muito grande no seu coração, e com a sua borduna matou Siriane e Yube.

Contam os antigos que Yube tinha muitos outros kene para ensinar a Siriane. Eram kene do tempo anterior ao dilúvio. Nesse tempo os kene tinham um outro dono: Besã.

AS MESTRAS DO KENE

Segundo a tradição, os Huni Kuj transmitem o conhecimento aos mais novos quando estes são ainda crianças. Os meninos aprendem com o pai os serviços dos homens e as meninas aprendem com a mãe os serviços das mulheres. O jeito de aprender as coisas entre eles é fazendo junto. E tudo é ensinado passo a passo. Não há pressa. A aprendizagem como um todo estende-se até a fase adulta. A partir daí estão preparados para repassar seus conhecimentos a filhos e netos.

No tempo dos antigos, as mestras do kene iniciavam seus estudos quando casavam, embora desde criança acompanhassem de perto o trabalho das mães.

Tornavam-se mestras quando se apropriavam de todo o conhecimento do kene: as histórias, os rituais, as cantigas e a maneira de executar os vários padrões em diferentes suportes ou matérias-primas com que confeccionavam objetos variados.

Nos dias de hoje, qualquer tempo é apropriado para aprender kene. Crianças, jovens e adultos reelaboram tradições, na luta pela reconquista da memória cultural do povo Huni Kuj.



Durante longo período, essa memória foi revitalizada entre as famílias Huni Kuj dos rios Breu e Jordão, em oficinas denominadas “escolas de artesanato”. Cada uma delas tem hoje uma mestra responsável pelo repasse dos conhecimentos do kene que detém, não só para o seu núcleo familiar, mas para todas as famílias que moram na mesma aldeia/seringal e que se interessam em aprender o que ela tem a oferecer. O objetivo dessas escolas, inicialmente, foi o de promover a revitalização e conservação da cultura, incentivando as gerações mais novas no aprendizado do kene e garantindo, assim, a perpetuação dessa importante tradição.

Hoje essas escolas continuam. No entanto, são raras as aldeias que têm um espaço físico próprio para as mestras ministrarem suas aulas. Estas acontecem de forma espontânea, a partir do interesse das próprias mulheres, podendo ser realizadas na casa da mestra ou da aluna.

Uma outra função das mestras que vem gradualmente se estabelecendo entre as famílias Huni Kuj

Mestra Helena

Sales Buni

Foto: arquivo

Txai Terri Vale de

Aquino



Mestra Erondina
Sales Bimi



Mestra Luzia
Alfredo Parã

é a de organizar as peças produzidas para comercialização.

Nessa função, as mestras também estimulam a melhoria da qualidade nos trabalhos desenvolvidos pelas aprendizes. No entanto, esse trabalho é eventual, uma vez que não é estimulada a produção em grande escala, e sim no ritmo do cotidiano Huni Kui.

Hoje, é considerada mestra a mulher que detém o conhecimento do maior número de padrões do kene e domina bem a técnica tradicional, seja na tecelagem em algodão, no trançado em palha, nas pinturas em cerâmica ou ainda nas pinturas corporais.

Nas aulas elas repassam os padrões de kene que cada uma sabe individualmente executar, e geralmente são pagas, por esses serviços prestados à comunidade, a partir de combinações realizadas diretamente com as alunas, com base no sistema tradicional de troca de bens e serviços: as alunas trocam bolas de algodão, peças de artesanato (toalhas, bolsas, etc.), utensílios industrializados pelos conhecimentos da mestra do seringal. Essa prática estabeleceu-se tendo como referencial a remuneração que vários profissionais recebem pelos serviços prestados às comunidades onde residem, como os professores, os agentes de saúde indígenas e os “cantineiros”, responsáveis pela “cantina”, local onde se armazena a produção dos seringais

e se vendem algumas mercadorias de primeira necessidade. Parte desses profissionais é remunerada por órgãos municipal (Secretaria Municipal de Educação e Cultura), estadual (Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Acre) e federal (Fundação Nacional do Índio – Funai).

Segundo a visão de Agostinho Muru, “as ‘oficinas’ do kene ficaram como estudo de branco. Tudo é decorado. Não sabem mais das histórias... quem é o dono [quem detém o saber sobre uma determinada ciência]... mas é importante para não esquecer do trabalho delas”.

Essa avaliação de Agostinho Muru é correta, levando-se em consideração o contexto em que foi feita e o momento histórico (1995) vivido pelo grupo, quando mal tinham sido dados os primeiros passos em direção ao processo de revitalização da memória coletiva daqueles indivíduos. À época, tratava-se de um conhecimento esfacelado, incipiente, mas que o tempo vem fortalecendo, ampliando mais e mais, abarcando áreas diferentes do saber e da vida a partir do resgate da memória dos padrões de kene.

No processo de revitalização da cultura Huni Kui, o silêncio de velhas mestras do kene é quebrado: “velhas árvores a se enramar e frutificar”. Possibilidade de legados importantes para as futuras gerações.



Aldenira Sereno
Ibatsai. Seringal
Nova Empresa,
Rio Jordão



Valci Sereno Ibatse.
Seringal Jacobina,
Rio Breu

SOBRE OS DIFERENTES USOS DO KENE E OS OBJETOS ARTESANAIS

Dos tempos imemoriais, quando o povo Huni Kuĩ morava no *shubua*, vieram os kene que permanecem até os dias de hoje, tornados visíveis graças ao trabalho das mulheres que os empregam na elaboração de inúmeros artigos de uso cotidiano, ritual e festivo, bem como na pintura com que ornamentam os corpos e lhes dão identidade. “Tudo tem kene.”

Os kene estão presentes em finos trançados com fios de algodão, a arte da tecelagem, segundo a qual são confeccionadas peças como redes, chapéus, capangas, mantas, tipóias para o transporte dos filhos e muitos outros itens que têm no algodão sua matéria-prima. Tecer implica amplo processo de conhecimento que tem início no plantio do algodão, e prossegue por etapas como colheita, secagem, descaroçamento, batiação e tingimento, até que se alcance a tecelagem propriamente dita.

“Contam os antigos que a aranha é quem é a dona do algodão. Antigamente era a aranha quem tecia as roupas dos Kaxinawá. Certo dia uma mulher reclamou com a aranha pela demora em fazer as roupas encomendadas. A aranha ficou aborrecida e resolveu daquele dia em diante não trabalhar mais para as mulheres. No entanto ela ainda ensinou a mulher a fiar e a tecer com algodão.”

Agostinho Mateus Muru



Maria Sabino Bimi.
Seringal Novo
Segredo, Rio Jordão



Clemiuda Sales
Pâteani. Seringal
Nova Empresa,
Rio Jordão

Embora atualmente se verifique a preferência pelas vasilhas de alumínio, produto industrializado do mundo branco, o que acarreta a diminuição da produção de objetos cerâmicos, muitas mulheres trabalham com barro, dominando saberes especializados responsáveis por escolha correta do barro, modelagem, pintura e queima de potes e panelas.

“Tudo na mata tem dono. Todo trabalho tem ciência.

Quando vamos trabalhar com o barro, tem o tempo certo. Não pode ser em qualquer tempo. O melhor tempo para retirar o barro é na lua nova. Quando a mulher vai tirar o barro tem que pedir licença ao dono do barro que é um bichinho igual a uma minhoca. Depois que retirar o barro tem que deixar o buraco bem tapado. Isso serve para o dono não desconfiar que foi retirado o barro de sua casa. Se não fizer assim o trabalho da mulher não vai prestar. Na hora de queimar ele racha todo.”

Aldenira Sereno Ibatsai

Os kene completam também os objetos trançados, dando vida à cestaria. As mulheres Huni Kuĩ fabricam cestos com palha de murmuru e chila. São objetos de muita utilidade no dia-a-dia feminino e destinam-se à guarda de itens da vida doméstica. Nelles conserva-se o algodão e se acondiciona todo o material de trabalho da tecelagem, além dos produ-

tos alimentícios de consumo do grupo familiar.

“Isso eu aprendi com minha *tipi* [irmã mais velha]. Minha mãe ensinou a ela e ela ensinou para mim. Quando a mulher vai trabalhar com a palha não pode falar sobre o que ela vai fazer. Tem que sair em silêncio e da mesma forma quando chega perto da palheira. Se o dono da palha escutar a voz da mulher, ele come toda a palha nova que vai ser retirada.”

Clemiuda Sales Pâteani

Os kene podem ser apreciados ainda nas pinturas corporais. Os Huni Kuĩ possuem vários tipos de pintura corporal que utilizam de acordo com a ocasião. Servindo-se de genipapo (*nane*) e de urucum (*mache*), pintam-se para o dia-a-dia, para trabalhar, para passear, para o *nixpu pima* – o ritual do batismo – e para festas como as seguintes:

katxanawa – festa de nomeação dos legumes, durante a qual os Huni Kuĩ comemoram a colheita dos roçados e pedem aos espíritos dos legumes que garantam sempre a fartura entre eles. Muitos parentes vizinhos são convidados para essa festa que começa com caçadas e pescarias, para complementar o banquete que acontece depois de uma noite inteira de dança e cantorias, em volta de um enorme cocho, onde se cozinham os alimentos;



bunawa – a festa em que se comemora a fartura das plantações de várias espécies de banana. O procedimento para sua realização é semelhante ao da festa do katxanawa;

txiri – conhecida também como “festa do gavião”, é durante ela que os Huni Kuĩ elegem o

novo *txana* (cantador, chefe dos Huni Kuĩ). Hoje essa festa praticamente não mais existe.

“Nas festas, usamos as pinturas com *nane*. Antes de pintar com *nane*, a mulher passa o *mache* para ficar mais bonito. A pintura com *nane* também é feita quando vamos caçar. Isso é para a caçada ser mais feliz. Para derrubar pau e pescar no lago, usamos a pintura com *mache*. Essa pintura é para nos proteger dos mosquitos e do leite venenoso de algumas árvores, como o açacu e o ofê. Quando vamos tomar cipó, a pintura com *mache* serve para proteger o corpo e o espírito. Quando usamos *mache* não vemos miração ruim.”

José Mateus Itsairu

AS TINTURAS NATIVAS



Pintura corporal para a festa do Katxanawa. Seringal Vida Nova, Rio Breu

Professor Josimar Samuel. Escola Uirapuru, Seringal Japinim, Rio Breu

Luciôla Leal Yuriani fazendo a tinturação com aguano

“No tempo dos antigos, os Huni Kuĩ usavam só as tintas da mata. Depois as mulheres descobriram as tintas que os brancos fabricam e passaram a usar essas tintas em muitos dos seus trabalhos. Principalmente nos trabalhos de algodão. Agora elas estão começando a compreender que todas as tintas que os brancos fabricam são retiradas das nossas florestas. Estão dando mais valor às nossas próprias tintas.”

Josimar Samuel Tui

As técnicas de tingimento a partir do uso de pigmentos naturais extraídos de raízes, folhas, frutos e cascas de árvores da floresta Amazônica constituem um grande conhecimento dos Huni Kuĩ. Entretanto, essas tinturas naturais vêm sendo substituídas por

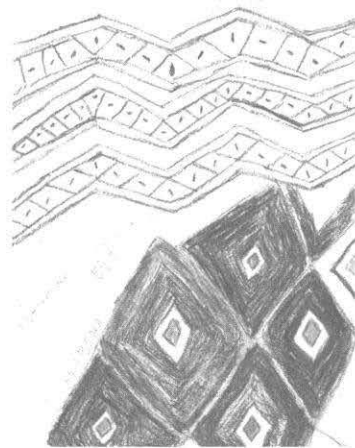
corantes industrializados, sob o argumento da dificuldade de extração.

Os trabalhos de pesquisa e revitalização entre os Huni Kuĩ dos rios Breu e Jordão têm estimulado o uso das técnicas tradicionais de tingimento e ainda o cultivo de algumas dessas plantas nos roçados ou próximo das casas, de modo a facilitar o acesso a elas.

A cinza das fogueiras, o barro e a casca da banana verde servem como acentuadores da cor preta nas tinturações com cascas de aguano. As cascas da banana verde servem também como fixadores de algumas tinturações, como no caso da tinturação com o *muka himea*. Por meio de novos experimentos, as mulheres utilizam-se do sumo do limão para a tinturação com assaflor.

denominação indígena	denominação em português	cor
mache	urucum	laranja
iapa	murici	vinho
ashe bitxi	mulateiro	cinza
manirari	assaflor	amarelo
	aguano	marrom
muka himea		roxo
	anil brabo	azul

OS VÁRIOS PADRÕES DE KENE



Shenā shaka
e *awa bena*,
de Maria do Socorro
de Lima Bismani

Os padrões gráficos de kene, na medida em que representam o corpo da cobra jibóia, recebem nomes relacionados às suas partes. Por exemplo: *dunu kate* (espinhaço de jibóia) e *dunu buska* (cabeça de cobra). Outros padrões estão associados a elementos da natureza. Segundo Agostinho Muru, esses elementos também estão representados no corpo dessa entidade mítica Huni Kuĩ. São exemplos os padrões *txere beru* (olho de periquito), que é o primeiro desenho a ser feito no processo de aprendizagem do kene; *inu tae txere beru* (pata de onça e olho de periquito); *mae musha* (espinho de espera-ai); *shenā shaka* (ingazeiro); *shapu bushe* (algodoeiro) e *awa bena* (asa de borboleta).

A INICIAÇÃO AO KENE

Os ensinamentos dos desenhos da jibóia se iniciam, tradicionalmente, num dia de lua nova. De acordo com o ritual, o marido da jovem mulher sai para caçar uma jibóia, tira-lhe o couro e o coloca escondido atrás de seu tear, em posição que somente ela possa vê-lo. Enquanto isso, ainda como parte do ritual, a avó leva a neta para a floresta e lá cantam cantigas para saudar Yube, o dono do kene.

“...essas cantigas são para que Yube venha ensinar a mulher a aprender seus desenhos. Eu mesma não sei cantar. Minha mãe sabia. Mas naquele tempo (“tempo do cativo”, até meados da década de 1970, quando os índios perderam seus territórios e passaram a viver sob domínio dos patrões brancos) eu não me interessei muito...”

“Ainda como parte da iniciação ao estudo do kene, a avó coloca um remédio no olho da sua neta, chamado *bawe*, que “serve para a mulher enxergar mais claro o que a jibóia está ensinando. Assim ela aprende mais rápido. Ela vai tecendo e cantando... chamando a força do *bawe*...”.

Erondina Sales Pâteani

Como afirma a mestra Erondina Sales, é por intermédio do *bawe* que as mulheres fazem contato com a jibóia, a qual lhes repassa todos os conhecimentos do

kene que vão trabalhar. A despeito de, nos dias atuais, o ritual como um todo praticamente não mais existir, o *bawe* continua sendo usado por muitas aprendizes do kene.

Nas conversas com Vitorinha Sales, do rio Jordão, são registrados outros fragmentos da história de iniciação ao estudo do kene. De acordo com essa mestra, “comer o resto da comida da mestra, da mulher sabida, ajuda a aprender tudo que ela sabe fazer. Quando come, pede à jibóia que lhe ajude a aprender...”.

Essa ação, que também faz parte do ritual, é até hoje praticada por muitas jovens alunas, aprendizes do kene.



Lenisa Sereno Tirá
ensinando sua
filha a fiar.
Seringal Jacobina,
Rio Breu

O KENE NAS ESCOLAS

Aluno da
Escola Uirapuru
redesenhando kene.
Seringal Japinim,
Rio Breu

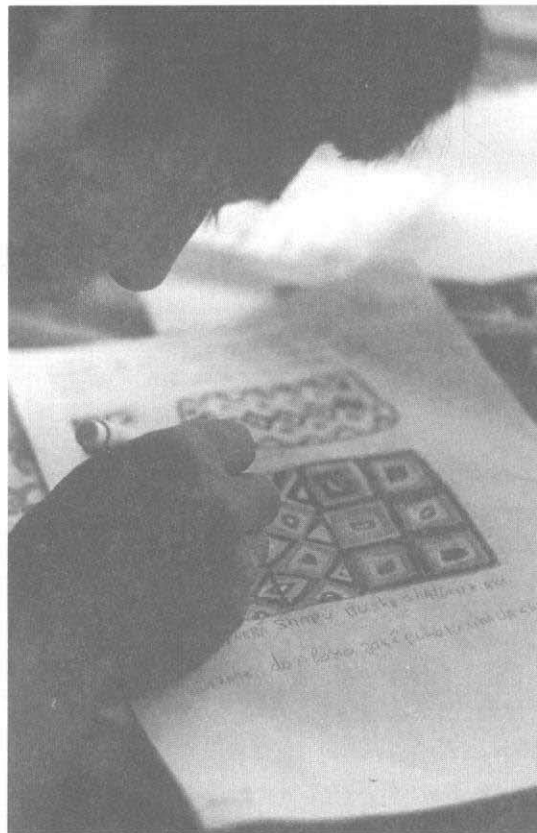
Novos caminhos vêm sendo percorridos pelos Huni Kuĩ por meio das escolas indígenas bilíngües. Juntos, professores e alunos buscam a “memória do passado para compreender o presente e planejar o futuro”.

As escolas indígenas bilíngües (letradas) do programa “Uma Experiência de Autoria” – CPI-AC, ao longo dos últimos 14 anos, têm possibilitado, não só aos Huni Kuĩ, bem como a várias outras nações indígenas do Estado do Acre, o reencontro com sua própria história.

O kene é um dos temas que permite aos Huni Kuĩ “viajar” em várias direções em busca de sua história: história das caçadas, das pescarias, dos roçados, das festas, do batismo, dos objetos utilizados no cotidiano, dos passeios e do cipó. Em todas essas situações o kene está presente, cumprindo uma função.

“O reencontro com a história do kene nos faz viajar muito longe no passado e nos traz muitos conhecimentos que muitos Huni Kuĩ haviam perdido. Hoje eu sei que o kene é importante. Que ele é usado em muitos momentos da nossa vida. Que ele serve não só para deixar as pessoas mais bonitas, mas também para proteger as pessoas de muitas coisas. Hoje eu sei que o kene é a identidade dos Huni Kuĩ... e posso passar isso para os meus alunos para que eles possam também sentir orgulho de ser um Huni Kuĩ.”

Josimar Samuel Tui



A COMERCIALIZAÇÃO DOS OBJETOS COM KENE

Marcando o início do “tempo liberto”, no ano de 1978, a primeira comercialização de algumas peças da cultura material dos Huni Kuj foi realizada com a Universidade Federal do Acre por intermédio de Sueiro Sales, velho *shaneybu* – chefe tradicional – do rio Jordão, já falecido, assessorado pelo antropólogo Terri Vale de Aquino. Essa pequena coleção comercializada marcou também o início do trabalho de resgate, incentivo e revitalização da cultura que vem sendo desenvolvido entre as várias famílias Huni Kuj, a partir de projetos específicos.

Agostinho Muru esclarece com mais detalhes a importância desse trabalho:

“Essa primeira comercialização animou muito o meu povo... Txai Terri foi quem trouxe esse projeto. Ele saiu perguntando entre os Huni Kuj, homens e mulheres, quem ainda sabia fazer panela de barro, rede com kene, cestos, chapéu que usa nas festas, roupas das festas, armas... Encontrou alguns velhos e algumas mestras que tinham vindo do rio Purus ainda no ‘tempo do cativoiro’: Helena, Luzia, Dorinha e Rita. Essas mes-

tras fizeram alguns objetos de que ainda lembravam e aí muitas pessoas ficaram interessadas em aprender. Os que não conheciam, assim como eu, ficaram maravilhados. De repente vimos que tinha gente que dava valor às nossas tradições. Que elas tinham algum valor... Foi assim que conseguimos o

primeiro recurso para organizar a nossa cooperativa e tirar os padrões dos nossos seringais do Jordão... A comercialização continuou, mas só entre os amigos dos índios. Na verdade, é mais uma troca de presentes. A mestra diz o que está precisando e recebe o que quer, em troca de uma rede, bolsa, toalhas...”

Os objetos mais solicitados pelas mestras são máquinas de costura, moínhos, espingardas, painéis grandes de alumínio e mosquiteiros.

“Foi no ano de 1986 que veio outro projeto para os trabalhos das mulheres. Cada seringal escolheu a mulher que sabia mais kene e essa mulher ficou sendo a mestra. As mulheres ficaram muito animadas e produziram muitas coisas, principalmente em algodão.



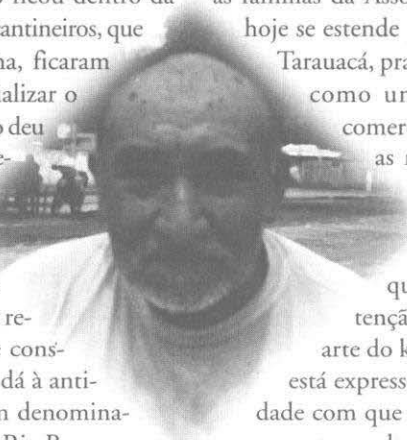
Sueiro Sales
Cerqueira,
liderança
tradicional do
Rio Jordão,
figura importante
na luta pela
reconquista dos
territórios
Huni Kuĩ
foto:
Ricardo Dantas

“A produção desse trabalho foi levada para São Paulo para ser vendida durante uma feira de arte. Com o recurso dessa venda, as mulheres adquiriram muitas mercadorias que consideram importantes: moinhos, tecidos para fazer vestidos, panelas, facões, etc. A continuidade desse trabalho ficou dentro da nossa cooperativa, no rio Jordão. Os cantineiros, que cuidavam da produção da borracha, ficaram também com o serviço de comercializar o trabalho das mulheres. Esse plano não deu certo e as mulheres ficaram muito desanimadas, parando quase por completo de fazer os seus trabalhos.”

Em 1995, a Associação dos Seringueiros Kaxinawá do Rio Jordão (ASKARJ) conseguiu alguns recursos por intermédio da WWF e construiu um *kupixawa* – nome que se dá à antiga moradia dos Huni Kuĩ, também denominada *shubuã* – no centro da cidade de Rio Branco, em parceria com a prefeitura local. Esse projeto tinha como objetivo principal expor a cultura material Huni Kuĩ, mostrando ao público (por meio de imagens e outros registros) o valor cultural contido nas peças expostas à venda. Por falta de administração qualificada, os Huni Kuĩ ainda estão em processo de

preparação para enfrentar empreitadas dessa natureza; esse projeto não teve continuidade.

A partir de 1996, nova perspectiva se abre para o trabalho das mulheres Huni Kuĩ dos rios Jordão e Breu, com o Projeto Jibóia, que nasceu entre as várias famílias da Associação Kaxinawá do rio Breu, e hoje se estende pelas famílias do rio Jordão e rio Tarauacá, praia do Carapanã. Esse projeto tem como uma de suas metas viabilizar a comercialização de alguns objetos que as mulheres Huni Kuĩ sabem fazer com kene, reavaliando a forma como esses objetos vêm sendo apresentados e o valor que adquirem na comercialização. A intenção é valorizar o conhecimento da arte do kene, o universo cultural que nela está expresso, e expô-la com a mesma dignidade com que são expostas obras de arte de diversas outras culturas. Os valores para a venda serão sempre arbitrários diante da riqueza cultural que contém cada uma das peças. No entanto, as mulheres definem preços e acreditam que a comercialização de suas obras em exposições itinerantes possa ser uma alternativa econômica complementar, eventual, e que não altere o ritmo dos seus trabalhos no cotidiano.



A esse respeito, assim se refere a mestra Aldenira Sereno Ibatsai:

“Eu fico contente de ver o trabalho das mulheres tendo mais valor que antigamente. Acho que chegou o tempo de enxergarem que o nosso trabalho é muito puxado mesmo. Tem muito trabalho para fazer até chegar a uma rede pronta... tem o plantio do algodão no roçado, tem a colheita do algodão, depois precisa limpar o algodão, bater, fiar, isso tudo, para depois a mulher começar a tecer. Tecer é outro trabalho. Precisa ter concentração para fazer direito. Isso tudo é muito trabalho, porque a gente também ainda tem que cuidar da casa, dos filhos, da comida, da roupa... e ainda trabalha no roçado ajudando o marido, colhendo macaxeira, tirando banana, arrancando mudubim [nome regional dado ao amendoim], colhendo milho... Isso tudo é trabalho da mulher... Com a venda do meu trabalho eu posso ajudar o meu marido. No tempo em que a seringa dava dinheiro ele me ajudava, comprando tudo o que a nossa família precisava. Agora chegou a minha vez. Acho que todas as mulheres sentem assim. Com esse dinheiro nós podemos comprar também outras coisas. Ele pode ajudar a gente a se consultar na cidade e comprar remédio quando ficar doente. O nosso trabalho pode ajudar em muitas coisas. Eu sinto assim.”

A VOZ DE UM HUNI KUI: AGOSTINHO MURU

Eu sou um Kaxinawá e na minha língua sou Huni Kui, que quer dizer “Gente Verdadeira”.

Meu nome é Agostinho Manduca Mateus Kaxinawá, registrado no meu documento. Mas meu nome mesmo é Agostinho Manduca Mateus Muru Inu. Muru é meu nome indígena e Inu é o partido do povo a que pertencemos. Os Huni Kui têm dois partidos: Inu e Dua. Inu quer dizer onça, povo da onça; e Dua quer dizer povo.

Nasci em 1944, no Rio Tarauacá, no seringal Seretama.

Meu pai nasceu nas cabeceiras do rio Envira e minha mãe nas cabeceiras do rio Jordão, que é hoje o nosso Rio Yuráiá. Era nesses lugares que meu povo vivia quando os “caucheiros” peruanos invadiram nossas terras.

Os seringalistas, que também foram outros invasores das nossas terras, vinham de vários estados do Brasil. Nesse tempo houve muita correria. Meu povo espalhou-se pelos vários rios do Acre. Muitos morreram em tiroteios e outros de muitas doenças. Com o passar dos tempos, fomos perdendo a memória da nossa cultura, bolando de um seringal para outro.

Até chegar no rio Envira, quando eu era ainda mais novo, eu não tinha nenhuma memória das histórias do meu povo. O que eu sabia eram algumas cantigas de cipó que meu pai cantava. O kene mesmo eu nunca tinha visto. Minha mãe sabia tecer rede, mas não sabia

desenhar com kene. Quando cheguei no Envira foi que, pela primeira vez, vi festas de *katxanawa*, *txiri*, *bunawa* e *nixpu pima*. Pela primeira vez vi o kene desenhado nas redes, nos pratos, nos cestos e no corpo das pessoas. No Envira, os meus parentes ainda moravam todos juntos, como no tempo do *shubuã*. Foi ali que tive contato pela primeira vez com as festas do meu povo, com a minha história. Isso foi no ano de 1963.

Agostinho Muru

A partir de 1967, os Kaxinawá passaram a lutar pela reconquista de seus territórios. Nessa luta andei 15 áreas indígenas falando da nossa luta pela terra. Mas eu não sabia quase nada da minha cultura, da minha memória, e percebi que isso era o mais importante para nos dar direito à terra.

Foi numa dessas viagens com Txai Terri (antropólogo Terri Vale de Aquino), visitando os Kampa do rio Amônia, no município de



Marechal Thaumaturgo (AC), que vi o quanto a nossa cultura é a nossa proteção, o nosso poder.

Depois de uma longa reunião com os Kampa, eles nos convidaram para tomar cipó. Na nossa língua chamamos de *Huni*. Foi aí que o dono do cipó me disse:

“Você só fica falando dos padrões, da luta do seu povo... Cadê a sua história? O que você sabe de sua cultura? Aqui você bebeu caçuma, tomou cipó, ouviu muitas histórias, muitas músicas... E você? Apresentou alguma coisa? Fica só andando pelo mundo, falando português. O que foi que você aprendeu da sua cultura? Se você não procurar desenvolver, aprofundar os seus estudos, você não deve mais sair de sua casa. Você não vai ter mais força para andar no mundo.”

Foi seguindo um conselho de *Huni* que me interessei em aprender a pesquisar minha história, minha própria vida.

FONTE BIBLIOGRÁFICA

AQUINO, Txai Terri Vale de;
IGLESIAS, Marcelo Piedrafita.
Kaxinawá do rio Jordão:
história, território, economia
e desenvolvimento sustentado.
Rio Branco: Comissão Pró-Índio
do Acre, [1995?]. [306] p.



Maria Laiza Sales
Pãteani



Francisca Sales
Mawapei



Raimunda Mourão
Ibatsai



Ivanilde Carlo
Mâkuani

4ª Capa:
Reunião das
mulheres artesãs no
Seringal Curumim,
Rio Jordão

Huni Kuĩ
Contato: Dedê Maia
Rua Antônio Fernandes, 20/302
Santa Rosa – Niterói – RJ – CEP: 24.240-270

Museu de Folclore Edison Carneiro
Rua do Catete, 179 – Catete
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22.220-000
Tel.: (021) 285.0441/285.0891 – Fax: (021) 205.0090